**O Multiverso de João**

- São infinitas estrelas, cercadas por infinitos planetas, em infinitas galáxias, compondo infinitos universos. Em algum deles você está, com seu mesmo nome, mesma altura, mesma feição, porém rico, casado com uma loira alta e sensual, passeando de barco no Caribe!

O professor de João falava aquilo e era impossível o garoto não se imaginar da forma descrita, mais rico, com mais tempo livre, com uma mulher atraente do seu lado. O jovem universitário se imaginava numa vida sem ter que estudar, escolher o que fazer profissionalmente, pegar ônibus. Nesse outro universo, ele não precisaria casar com a sua eterna namorada de infância Martinha, com quem brigara mais uma vez recentemente e não encontrava há quase 2 semanas... E tudo pelo medo de dar um passo a frente na sua relação...

- Num outro universo, você pode ser presidente do Brasil, trabalhar pra melhorar a vida das pessoas, ganhar uma eleição sem dinheiro sujo, acabar com a corrupção, dar oportunidade pra quem precisa, colocar a educação no lugar certo da lista de prioridades, fazer a diferença.

João era conhecido por ser sonhador. Amava música, amava esportes. Passava a maior parte das aulas com o rosto virado pra fora, olhando para o céu, brincando sozinho de interpretar desenhos nas nuvens. Os amigos diziam que ele dormia acordado e acordava dormindo. Mas mesmo pra um sonhador como ele, ele nunca tinha escutado sobre esse tal de multiverso.

De rico, com uma loira alta e sensual, ele se enxergou discursando na Central do Brasil, e depois nos braços do povo, enquanto andava no Rolls Royce da Presidência.

- Mas ainda pode ter o universo em que você é o craque da Seleção, tendo acabado de marcar o gol que inverteu o resultado da Copa de 50. 200 mil brasileiros pulam, choram, abraçam, vencem. Você corre com sua bermuda azul e camisa branca, o Brasil não perde para o Uruguai por causa do seu gol. Nesse mesmo universo em que você é o herói do povo brasileiro, você convence o Senna no dia 30 de Abril de 1994 que ele precisa passar o dia seguinte longe de San Marino.

“Como posso acessar esse multiverso?”, refletia João. “Será que tem um armário, uma porta com um coelho? Ou é só dormir que acordo lá? Ou tenho que aceitar aquela pílula vermelho daquele careca maluco da minha rua?”

- Se pudesse escolher o multiverso, escolheria o menos linear, disse um nerd bem em frente ao professor. No meu universo, a velocidade da luz seria transponível, a física quântica conversaria com a da relatividade geral, a nossa galáxia seria uma grande democracia pacífica e sem estrelas da morte.

“Que cara chato”, pensou João ao fundo.

 - No meu, Mandela não seria preso, Ghandi teria expulso os ingleses pacificamente e Hitler não teria vencido nem eleição para vereador.

 - No meu o Flamengo já teria 15 campeonatos brasileiros! – gritou outro estudante com o número e nome do Zico nas costas.

 Os estudantes foram expressando desorganizadamente os seus multiversos prediletos, suas realidades paralelas que refletiam seus maiores sonhos, seus motivos de viver. A gritaria se multiplicava e os multiversos pareciam ser mais tangíveis. Cada realidade paralela era desenhada pela imaginação dos jovens. Se quem pensa, logo existe. Quem sonha, vive.

 João, o maior dos sonhadores, que se viu presidente, rico, artilheiro, com mulheres sensuais, dinheiro e fama, começou a se entediar com tantos comentários de paralelismos a sua volta. Sua atenção foi se dissipando como no universo em que vivia hoje. Mais uma vez com os pensamentos longe do presente, ele virou os olhos pra fora e viu alguém de cara fechada, chamando-o.

 Sem pensar duas vezes, João levantou, falou que ia ao banheiro e desceu.

 No sol, no gramado, ela esperava. Um rosto imaturo, olhos inocentes e um vestido leve e colorido pareciam ser tudo o que conseguia ver ao dar de frente com ela. João descera correndo.

Ao vê-la, ofegante da descida rápida, pensou nas tantas histórias juntos, na primeira vez que encostaram a pele, no primeiro beijo, na primeira troca de olhares. Lembrou-se de cada pedaço de realidade que viveram juntos. Das brigas e dos reencontros. Dos choros e dos sorrisos. Dos términos e das voltas. Da distância e da presença. Tantos mundos, tantas vidas.

Com ela, João vivera um multiverso. Vivera o seu multiverso. Mas não se tratavam de hipóteses. Eram memórias.

A jovem tinha a feição fechada e os olhos úmidos. Ao abraça-la, João sentiu que não precisava de pílula vermelha, ou porta mágica. Sentindo que o seu abraço começava a ser retribuído, seus pensamentos ficaram mais claros e os pés voltaram para o chão. Quem precisava de multiverso, com ela a sua frente?

- Eu te amo! Vamos ficar juntos!